

Modernização urbana e sanitário: limpar, purificar, desodorizar e embelezar a cidade (Jacobina – BA - 1955-1959)^I

Edson Silva^{II}

Resumo: Em meados da década de 1950 a cidade de Jacobina passou por uma série de transformações urbanísticas, naqueles anos foram desenvolvidas no tecido urbano práticas de modernização, medidas de normatização do cotidiano e ações médico-sanitaristas. No decurso da gestão municipal do prefeito Orlando Oliveira Pires (1955-1959) foram executadas na cidade intervenções que buscavam formatar um novo ambiente urbano, produzindo nos logradouros centrais uma paisagem e forma lisa, inodora, salubre, fluida e aprazível – materializando o que era conceituado para a cidade ser considerada enquanto “civilizada” e “moderna”. O presente texto, a partir dos dispositivos jornalísticos e administrativos que atuavam na cidade, analisa as medidas desenvolvidas em prol do asseio, da limpeza, do saneamento, da desodorização e embelezamento das ruas de Jacobina, apontando também para os constantes tensionamentos entre a execução dessas ações e as práticas da população cidadina.

Palavras-chave: cidade; modernização; desodorização; estética; Jacobina.

Urban Modernization and Sanitation: cleaning, purifying, deodorizing and beautifying the town (Jacobina – BA – 1955-1959)

Abstract: In the middle of the 1950's decade, the town of Jacobina experienced a series of urban changes, during these years it was developed in the urban area practices of modernization, interventions aiming at ruling the daily-life behaviors and medical-sanitation actions. During the management of the mayor, Orlando Oliveira Pires (1955-1959), it was done some interventions that expected to produce a new urban environment; creating on the downtown streets a fluid deodorized healthy pleasant smooth form and urban landscape – materializing what was demanded from the town to be considered “modern” and “civilized”. This text, using journalistic and administrative documents written by those who acted in the town, analyses the measures created that favored the neatness, cleaning, sanitation, deodorizing and beautifying the streets of Jacobina, it also points the frequent tension between the applying of these actions and the practices of the town citizens.

Keywords: town; modernization; deodorizing; aesthetics; Jacobina.

Artigo recebido em 07/12/2015 e aprovado em 02/07/2016

A década de 1950 em Jacobina foi marcada por transformações urbanísticas. A intervenção feita na cidade naqueles anos, com a implantação de obras, serviços e equipamentos de urbanismo, pode ser considerada como um dos momentos mais significativos no século XX da história urbana jacobinense. Naquele contexto, a gestão do prefeito Orlando Oliveira Pires (1955-1959), foram então desenvolvidas ações de modernização urbana, com as medidas de pavimentação, saneamento e asseio, bem como com a implantação dos serviços de água encanada, a ampliação dos serviços de energia elétrica, a abertura de uma larga avenida (acompanhada da construção de residências e instituições) e a edificação de um espaço de lazer e práticas desportivas – o estádio municipal Francisco Rocha Pires. Por outro lado, procurava-se também normatizar as ruas, com medidas contra os comportamentos e as práticas vistas como desviantes, que maculavam a imagem da cidade ou afrontavam a ordem urbana. Em síntese, pretendia-se materializar nas ruas de Jacobina aquilo que definiam enquanto ares de cidade “civilizada”, “moderna” e em ritmo de “progresso”.

O discurso do jornal *Vanguarda* assinalava para uma determinada intolerância com os esgotos nas vias públicas, com os cheiros da podridão de materiais em decomposição e com o lixo. Os aspectos urbanos denunciados marcavam uma atitude de repulsa para com as condições físicas das vias e a necessidade premente de urbanização. Dito de outra maneira, os elementos de infraestrutura urbana, como ruas pavimentadas, sistemas de esgotos e vias limpas, estavam na ordem do dia. Nesse sentido, os planos urbanos para a cidade, executados na gestão de Orlando Oliveira Pires, desenvolviam-se no intuito de limpar e desodorizar os espaços públicos da urbe, com medidas de saneamento e asseio urbano, com a construção do serviço de água encanada e esgoto, com a melhoria do serviço de limpeza urbana e a pavimentação das principais ruas da cidade.

Em Jacobina, os gestores municipais, antes de desenvolverem medidas de modernização urbana e adotar um serviço de limpeza sistemática e de maior abrangência sobre a cidade, com o objetivo de eliminar a sujeira, fornecer o asseio, o saneamento para as ruas e tornar os espaços urbanos salubres, editaram as posturas municipais (1933). De tal modo, o Código de Posturas preceituava para a cidade:

Capítulo VI. Da higiene, salubridade publica, asseio e limpeza.

Art.48 É proibido lançar nas praças, ruas, becos, rios e fontes animaes mortos, lavar roupas e animaes, tomar banho, despejos de latrinas, de fabricos, de alambiques, de xarqueadas, lixo ou qualquer substância nociva à saúde, sob pena de 50\$000 de multa.

Art. 49 Será obrigatorio em geral aos proprietarios de casas e fabricas a uzare fossas septicas para despejos de aguas sujas, fezes ou materias nocivas à saúde, pena de 50\$ de multa.

Art. 50 Afim de atender o asseio preciso desta cidade o Sr. Prefeito decretará adicional 3% sobre o imposto locativo e aforamentos.

Art. 51 Fica expressamente prohibido secar couro de qualquer animal nas ruas, praças, becos e quintaes desta cidade; pena de 10\$000 de multa.

Art. 52 Toda pessôa que lançar nas ruas, praças e becos cascas de frutas, frutas podres, lixo, papeis ou aguas sujas em geral, cousa imunda que cause aversão, será multado em 30\$000.

Art. 53 O dono de qualquer animal quer (sic) morrer nas ruas e praças ou nas imediações desta cidade, será obrigado a retiral-o (sic) imediatamente, pena de 20\$000 de multa.

Art. 54 Ninguem poderá nesta cidade e suas povoações, conservar imundos com aguas estagnadas os quintaes de suas casas; pena de 20\$000 de multa.^{III}

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)

EDSON SILVA

Como lemos nesses artigos, já havia uma acentuada inquietação com a limpeza urbana. Por um lado, orientada por noções de saúde pública, seguindo as prescrições sanitaristas de preocupação com as condições de higiene e saneamento do meio. Por outro, por certa sensibilidade reativa a odores fétidos, presença de excrementos, restos de materiais em decomposição e imundices urbanas - na expressão empregada no artigo 5 “cousa imunda que cause aversão”. Tal como os resíduos do corpo que deviam ser submetidos a uma asséptica, na cidade assim devia-se intervir, isto é, de modo a eliminar ou pelo menos ocultar da paisagem (campo de visão das ruas) os seus excrementos urbanos (lixos, esgotos, imundices). Nas letras do código, projetava-se uma utópica cidade, desinfetada e desodorizada.

Percebe-se que boa parte dessas normatizações para a vida urbana era delegada para os moradores, até estipulando multas para o não cumprimento. Em outro capítulo sobre as vias públicas, identifica-se mais precisamente essa determinação. A limpeza das ruas devia ser feita pelos moradores:

Capítulo VIII. Das estradas, ruas, becos e caminhos publicos.

Art. 88 O donos (sic)de quintaes, terrenos ou cercados cujos fundos, lados ou frentes derem para largos, ruas, praças, becos ou caminhos publicos, serão obrigados a conservarem limpos as frentes e lados dos mesmos até a largura de 8 metros, se fôr para largo e 2 metros se fôr para ruas, praças, becos ou caminhos publicos; pena de 10\$000 de multa.^{IV}

Nesse primeiro momento em que a limpeza das ruas era encarregada à população da cidade, parece não ter dado resultados positivos, a higiene e o asseio das ruas ficavam a desejar. Em meados de 1950, a falta de serviços de esgotos, de fossas nas edificações e a presença de lixo nas ruas, provocando incômodos e denunciando as péssimas condições de urbanização, salubridade e estética da cidade, ganharam destacada visibilidade nas páginas do *Vanguarda*. As ruas da cidade foram tomadas como objetos de discussão e preocupação por parte da imprensa local, e de intervenção da Prefeitura. Os aspectos urbanos denunciados pelos editores do periódico assinalavam uma atitude de repulsa com as condições físicas das vias públicas, destacando os esgotos, o lixo urbano e o cheiro de podridão de materiais em decomposição.

Podemos demarcar com certa precisão que a história dos serviços urbanos, de limpeza e esgoto da cidade, foi num primeiro momento estabelecida como função dos moradores e tímida participação do poder público, e num segundo, nos anos 1950 e início de 1960, assumidos para a responsabilidade dos serviços da prefeitura municipal. Nesse segundo período, as intervenções do poder público com inserção de aparelhos e implantação de serviços urbanos foram feitas no desejo de tornar a urbe um ambiente salubre e elevar Jacobina ao conceito de cidade “civilizada”. Contudo, essas questões implicavam em outro aspecto, uma alteração de postura, com o que poderia ser visto e sentido ou não, nas ruas da cidade, ou pelo menos nas ruas principais. Dessa maneira, a construção urbanística em desenvolvimento naqueles anos envolvia certo refinamento da percepção olfativa e visual dos espaço urbanos.

Logo que tomou posse na gestão do município de Jacobina, o prefeito Orlando Oliveira Pires, adotou medidas com o intuito de conter o corrimento de esgotos nas ruas, como assinala uma série de ofícios encaminhados aos moradores da Rua Cel. Teixeira, centro da urbe.

Ofício s/n em 6 de maio de 1955.
Senhor Vicente Marques Grassi

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)

EDSON SILVA

Tendo chegado ao conhecimento da administração municipal que as águas servidas em casa de propriedade de V.S. à Rua Cel. Teixeira n.4 esgotam-se para a via pública, venho pela presente solicitar-nos que com a costumeira cooperação necessária a administração por parte dos munícipes, providencie a construção de uma fossa seca, a fim de que seja evitada a vazão das águas para a rua, o que depõe contra os foros de civilização de nossa cidade.

Na certeza do nosso pronto atendimento a minha solicitação, firmo-me com elevada estima.

Cordialmente

(As). Dr. Orlando Oliveira Pires^V

Com o mesmo preceito, foram localizados mais seis ofícios (pág. 88 a 91) referindo-se à Rua Cel. Teixeira e expedidos no mesmo mês, todos encaminhados pelo prefeito. O gesto do alcaide, de dirigir-se diretamente aos moradores da citada rua, distinguindo o seu lugar de autoridade municipal, por um lado, demonstra o olhar minucioso e vigilante com as condições dos espaços urbanos por parte do novo gestor. Por outro, nos apresenta a inquietação com o asseio e higiene das ruas que assumiu nesses anos. Como a prefeitura não dispunha do serviço de esgotos, buscava o gestor fazer cumprir a legislação, exigindo dos moradores a construção das fossas. As ruas deviam ter suas excreções controladas, de maneira a evitar a exposição dos dejetos e a exalação de odores desagradáveis. Desse modo, esperava evitar o espetáculo urbano que denunciava contra os “foros de civilização” aspirados para a cidade.

As descrições dos espaços urbanos, operada por jornalistas e gestor, apontavam no sentido de uma reação a determinados odores, presença de excrementos e uma acentuada preocupação com o asseio das ruas da cidade. Reivindicações de caráter sanitaristas, de saúde pública e civilidade para a cidade foram invocadas para fundamentar os enunciados e as práticas, que expressavam uma vontade de desodorização e saneamento dos espaços públicos.

O jornal *Vanguarda* começou a denunciar os esgotos nas ruas da cidade. Em artigo publicado na primeira página, em 22 de maio de 1955, o semanário reclamava atenção das autoridades para a questão:

JACOBINA E O PROBLEMA DOS ESGOTOS

Um dos problemas mais sérios para a administração pública local é o que se refere ao serviço de esgotos nesta cidade. É deveras deprimente e muito depõe contra os foros de cidade civilizada e moderna o que se verifica em algumas das principais ruas de Jacobina, que possuem verdadeiros córregos nativos, cujas nascentes se localizam nos esgotos que saem das residências. Por mais incrível e absurdo que pareça, existem ruas importantes nesta cidade, cujos prédios lançam á via pública suas águas servidas, oriundos de banheiros, pias lavatórios, etc., em vez de canalizá-las para fossas apropriadas, como exige a Saúde Pública. Podemos citar, entre outras, as ruas 24 de Outubro e Cel. Teixeira, como as mais atingidas pelo flagelo dos mencionados esgotos, que exalam mau cheiro e são focos de muriçocas, quiça, de doenças. Por outro lado, a rua Cel. Teixeira – a “Baixa dos Sapateiros” de Jacobina – é o primeiro ponto da cidade por onde passam obrigatoriamente todos os que vêm da estação ferroviária, pela ponte de madeira, e qual não deve ser a péssima impressão do visitante, ao transitar por ali, respirando o fedor que emana das águas sujas, estagnadas no trecho compreendido entre a Papelaria “Brandão” e a casa comercial Auto-Peças “São João”, bem no centro da cidade!

Daí o veemente apelo que fazemos ás autoridades da Saúde Pública e a sr. Prefeito Municipal, no sentido de coibirem tais abusos com a urgência

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)

EDSON SILVA

que o caso requer, porque assim agindo estarão zelando pela saúde e higiene da população local, além de tornar a comuna asseada e mais aprazível.^{VI}

No artigo, os redatores Floriano Mota e Enéas Mota, ao enunciarem o assunto, situam o problema dos esgotos como sendo o mais importante para a prefeitura resolver. Ao contrário do discurso do prefeito, que colocava a solução do problema sobre os moradores, que deviam construir fossas secas para impedir o escoamento das águas servidas para as vias públicas, o jornal colocava a responsabilidade sobre o gestor municipal e autoridades de saúde pública, mesmo reconhecendo que deveriam os proprietários dos prédios canalizarem os esgotos para fossas, cumprindo a legislação sanitária e as posturas municipais.

Na descrição da condição das principais ruas que comportavam o centro comercial^{VII} sobressai uma imagem negativa da cidade. O termo deprimente e a sentença de que contrariava a noção de foros de cidade civilizada e moderna ressaltavam o constrangimento pela ausência de infraestrutura urbana. A imagem montada no relato do jornal, com a ideia de córregos nativos para designar os esgotos que escorriam pelas ruas saindo das residências, construía uma relação entre o estado de natureza e da cidade. Como as águas brotavam das nascentes das serras, em Jacobina das residências brotavam os córregos de esgotos pelas ruas - projeção simbólica extremamente negativa para a cidade.

A imagem de uma cidade “moderna” e “civilizada” era reivindicada pelos editores do *Vanguarda* para Jacobina naqueles anos. Esses conceitos apareciam nos textos do periódico para definir as práticas empreendidas pelo poder público municipal no sentido de modernizar a cidade, dotando de melhoramentos urbanos; as medidas de normatização do cotidiano e os novos empreendimentos dos comerciantes locais, como a inauguração de lojas, consultórios médicos e salas de cinema.^{VIII}

No artigo citado sobre o problema dos esgotos nas vias centrais da urbe, o texto construía uma cartografia urbana, conduzindo o leitor a caminhar pelas ruas, provocando os sentidos do olfato e da visão. Mencionando as ruas afetadas pelos esgotos a céu aberto, salientava os efeitos do odor e da péssima aparência, que constrangia a cidade diante dos visitantes que chegavam. De tal modo, o jornal idealizava a antítese da situação descrita, um mapa urbano ao avesso do descrito, uma cidade com ruas e avenidas, com traçados retilíneos, pavimentadas, saneadas, desodorizadas; funcionando um espaço liso, salubre e aprazível.

O *Vanguarda* partilhava de uma noção de vida urbana, defendendo uma forma de organização e administração da cidade. Através dos seus artigos periódicos, os editores do jornal mobilizavam uma determinada percepção de como devia ser conduzida, ordenada e disciplinada as suas ruas. O próprio nome do periódico remete à ideia de liderança, de dianteira de um movimento e de combatividade. Como assinalaram as historiadoras Heloisa Cruz e Maria Peixoto acerca da atividade de imprensa:

Importante problematizar e superar pela análise a ideologia da objetividade e da neutralidade da imprensa que, construída historicamente, se nos confronta como dado de realidade: a imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele. (...) Convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)

EDSON SILVA

forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos.^{IX}

O periódico *Vanguarda*, por meio do qual buscamos analisar aspectos do processo de modernização, higienização e do cotidiano urbano, era um veículo de comunicação aglutinador de debates na cidade; agente interessado nas modificações urbanas, defensor da normatização dos comportamentos e dos espaços citadinos. Assim, como também considerou o historiador Michel de Certeau:

A imprensa representa essa articulação do texto no corpo mediante a escritura. A ordem pensada – o texto concebido – se produz em corpos – os livros – que a repetem, formando calçamentos e caminhos, redes de racionalidade através da incoerência do universo.^X

Em nome de exigências de ordem sanitária e defesa de uma estética para a cidade, os editores do *Vanguarda* reivindicavam a intervenção do gestor municipal e das autoridades de saúde para solucionar o problema dos esgotos e instalar um ambiente urbano condigno de uma cidade “civilizada” e “moderna”. Somando com a preocupação de salubridade das vias urbanas, acrescenta-se uma segunda, com a circulação, o livre movimento das ruas, aspecto também reivindicado para a cidade nas páginas do *Vanguarda*. A circulação dos fluxos urbanos era um elemento fundamental para qualquer cidade que pretender-se moderna. Sendo defendido pelo saber médico e urbanístico, que baseadas em conceitos técnicos e científicos pregavam o alargamento e a desobstrução das ruas, possibilitando tanto a circulação de ar, como a fluidez do tráfego de pessoas, meios de transporte e mercadorias.

Normas nesse sentido já eram postas nas posturas municipais, que definiam que as ruas deviam obedecer ao traçado alinhado; que as casas necessitavam seguir esse alinhamento^{XI}; e proibiam o depósito de materiais nas ruas: “Art. 11- Não será permitido depositar materiais para construções em logar que impeça o transito publico e bem assim deposito de entulhos sob pena de 20\$000 de multa”.^{XII} No entanto, de acordo com o relato do *Vanguarda*, o movimento das ruas estava sendo dificultado pelos seguintes aspectos:

Encontra-se Intransitável a Rua dos Ouvires

Grande parte da rua dos Ouvires encontra-se intransitável devido aos buracos, aos montes de pedras para construção e a lama ali existentes, especialmente o trecho compreendido entre a ponte sobre o Rio do Ouro e o fundo do prédio dos Correios e Telégrafos.

À falta de esgoto, forma-se enorme poça de água pluvial próximo às casas dos srs. Antônio Maia Marques e João Bernardo de Brito, a qual, quando chove, impede o livre trânsito dos pedestres.

É preciso que a Prefeitura mande desentulhar a referida rua e reabrir o esgoto ali existente para que as águas possam correr livremente.^{XIII}

Na nota, o jornal registrava a presença de materiais de construção, lama, buracos e esgotos estagnados, obstruindo as ruas. Esses últimos, por mais incômodo que pudessem ser, ao que parece, era desejável que estivessem em circulação, jogados nos rios, possivelmente. Além do asseio e a limpeza das ruas, livre o tráfego na cidade, seguindo o princípio urbanístico e higienista de circulação, passava também a ser exigido.

No que diz respeito aos esgotos, o periódico continuava a maquinaria discursiva. Num artigo publicado na primeira página, *O Esgôto Atenta Contra o Código Sanitário*,^{XIV} os editores do *Vanguarda* denunciavam que o cano de esgoto que derramava no Rio Itapicuru estava estourado, “exalando um estranho e horrível mau cheiro!”. Expressando exacerbada ojeriza à presença dos odores exalados pelos esgotos, clamavam a intervenção das autoridades de saúde, no intuito de resolver a questão. Em outra edição posterior, era novamente reclamada a mesma situação, reproduzimos aqui o texto:

Ainda a Podridão Exalada Pelo Esgôto Pluvial

Não obstante já termos reclamando uma providência da Saúde Pública local, contra o insuportável mau cheiro exalado pelo tubo de esgoto pluvial que despeja no rio Itapicuru, próximo à ponte de madeira, continua o mesmo a ferir o olfato dos transeuntes. Trata-se, sem sombra de dúvida, de um cano de sentina ligado ao esgôto pluviométrico, o que é (sic) um atentado à saúde do povo.^{XV}

A percepção da cidade, elaborada no jornal, partilhava de uma sensibilidade reativa diante de cheiros de excrementos e esgotos que “continua (...) a ferir o olfato dos transeuntes”, e o incômodo perante o espetáculo cotidiano de dejetos e putrefações escorrendo às vistas dos moradores e visitantes. O fedor das ruas e o cenário de esgotos constrangiam e maculavam a imagem da cidade. Todavia, como notamos anteriormente, da crítica da imprensa local quanto aos aspectos urbanos, sobressaía uma leitura da cidade perscrutada pelo olhar médico-sanitarista. Outro argumento era agregado, a defesa da saúde pública.

Contudo, algumas medidas de asseio e limpeza da cidade, ainda em 1955, o gestor Orlando Pires começou a tomar. Em nota, o jornal elogiava as ações do designado “dinâmico prefeito”, pelo melhoramento do serviço de limpeza urbana, com a colocação de tambores para o recolhimento do lixo em determinados pontos da cidade e a distribuição de um conjunto de fardas novas aos garis, que não possuíam. Desse modo, concluía o texto: “Com essas e outras medidas do atual Prefeito, o asseio da cidade tem melhorado sensivelmente”.^{XVI}

O alcaide era elogiado pelo semanário por outras medidas. O jornal aclamava a ação da prefeitura pela limpeza do mato das margens do Rio do Ouro, desobstruindo o leito e as margens do rio.

A Limpeza do Rio do Ouro

Em dias da semana que hoje finda, a Prefeitura mandou os trabalhadores da limpeza (sic) capinarem e retirar todo o mato do Rio do Ouro, livrando-o, assim, da sujeira que entulhava o seu leito. Merece aplausos da população este ato da Prefeitura.^{XVII}

Entretanto, a despeito dessas medidas de asseio urbano, das normatizações do Código de Posturas e das exigências sanitárias, as práticas cotidianas da população não condiziam com as estratégias dos gestores, nem com as expectativas dos jornalistas. Esses, por sua vez, pensando a cidade pela norma administrativa, sanitária e urbanística, ignoravam os movimentos que caracterizavam os trajetos construídos cotidianamente pela população cidadina. Entre as regras que orientavam as condutas, os preceitos racionais do urbanismo e as práticas sociais efetivas, abria-se uma disparidade. A cidade

não funcionava, nem funciona, nos moldes do desenho arquitetada pelas estratégias de gestão concebidas por seus administradores. A prática da população de depositar lixo e animais mortos nos rios e logradouros públicos permanecia.

Numa coluna da primeira página, da edição de número 337 do *Vanguarda*, era reclamado:

O Depósito de Lixo da Praça “2 de julho”

Chamamos a atenção do encarregado do serviço da Limpeza Pública, desta cidade, para o fato de, moradores à Praça 2 de Julho, estarem depositando lixo no centro daquele logradouro, nas imediações do Posto de Meteorologia, ali instalado.^{XVIII}

Dessa maneira, percebe-se que a não eficácia das posturas municipais vigentes provocou o esforço do gestor em instituir uma nova maneira de organizar as ruas, estruturando um serviço de Limpeza Pública, a fim de melhor garantir os preceitos de asseio urbano, salubridade, estética e desodorização dos logradouros. Em outros termos, a busca por novas estratégias assinalava para a fragilidade das medidas precedentes, o procedimento de normatizar as ruas não significava que disciplinavam as práticas sociais. Observa-se na citação também a não eficácia das novas medidas que passaram a ser então instituídas. Em edições posteriores, essas questões de limpeza e asseio urbano continuavam sendo destaque nas primeiras páginas do *Vanguarda* - lixo, dejetos e animais mortos, nas narrativas dos jornalistas do periódico, faziam parte do cotidiano da cidade.

Na edição número 338, por exemplo, o *Vanguarda* trazia uma nota relatando que os redatores do periódico foram visitados por um grupo de estudantes do ginásio local. De acordo com o texto, o intuito da visita das ginásianas foi solicitar que o periódico reclamasse a intervenção da prefeitura, a fim de evitar que na região da estrada de ferro que dava acesso ao ginásio Deocleciano Barbosa de Castro, fossem depositados lixos e animais em decomposição. Assim terminavam o texto: “Segundo nos informaram as ginásianas, constantemente são encontrados naquele local gatos, cachorros e porcos em estado de putrefação, além do lixo que é semanalmente jogado ali”.^{XIX}

As margens do Rio do Ouro, que haviam sido limpas, ganhavam novamente visibilidade numa publicação do *Vanguarda*, não pelas ações da prefeitura, mas pela presença de lixo e de restos de animais em decomposição, imundícies jogados pela população. Segundo o jornal:

O MONTÃO DE LIXO PRECISA SER REMOVIDO

À margem do Rio do Ouro, encostado ao muro do fundo do Internato da profa. Emerita Castro, há um montão de lixo onde são jogados galinhas e outros animais mortos, que precisa ser removido dali, quando antes, pelo serviço da Limpesa (sic) Pública Municipal.^{XX}

Pela descrição do periódico, os rios que cortavam a cidade eram tanto o lugar para onde escorreriam os esgotos, como eram utilizados pela população citadina enquanto depósitos de lixo e outras imundices - transformavam as margens e os leitos dos rios num monturo. Em outro texto, o *Vanguarda* denunciava novamente a prática da população de jogar sujeira no rio, dessa vez, no Itapicuru-Mirim:

Toda pessoa medianamente instruída sabe que os leitos dos rios devem ser limpos a fim de serem evitadas a poluição das suas águas e as emanções mefíticas. Deste princípio de higiene até os colegiais sabem.

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)

EDSON SILVA

Entretanto, alguns moradores na Av. Orlando Pires desconhecem totalmente esta mezinha noção de higiene, posto que mandam jogar lixo, animais mortos e galhos de plantas dentro do rio Itapicuru-Mirim que banha esta cidade.^{XXI}

O discurso em defesa da higiene das águas e dos espaços, e de reação aos odores que exalavam das putrefações jogadas no rio manifestava-se nas páginas do jornal, no caso, na primeira página. Além da preocupação com o incomodo do mau cheiro das “emanações mefíticas” exaladas, apontava também o texto do periódico, a inquietação com poluição das águas do rio e com saúde pública:

Além do perigo que disto resulta para a saúde da população citadina, perigo maior representa para a população rural que vive à margem deste rio e se serve das suas águas para cozinhar e beber!

Pedimos a atenção das autoridades sanitárias locais para este inominável atentado à saúde da população jacobinense.^{XXII}

Criticada de maneira incisiva nas páginas do *Vanguarda*, a prática da população de lançar lixo nos rios continuava sendo cometida, causando sujeira e mau cheiro na paisagem urbana. Em fevereiro de 1959, os editores o jornal ainda reclamavam do lixo urbano depositado no rio Itapicuru-Mirim. No caso, provocado certos moradores da Avenida Orlando Oliveira Pires, via urbana aberta durante aquele período e na margem da qual foi construído um loteamento. De acordo com o jornal:

Continuam a Jogar Lixo Dentro do Rio Itapicuru!

Não obstante já termos reclamado contra o mau costume de jogarem lixo e outras imundícias dentro do rio Itapicuru-Mirim, algumas pessoas residentes na Av. Beira-Rio – trecho compreendido entre a antiga ponte de madeira e a de cimento armado – ainda continuam a fazê-lo, num flagrante despeito ao nosso Código de Posturas!

Enquanto os funcionários de Departamento Nacional de Endemias Rurais limpam, periodicamente, o leito do aludido rio, pessoas residentes à sua margem esquerda teimam em atirar lixo, cadáveres de animais e galhos de árvores dentro do mesmo!

Mais uma vez solicitamos das autoridades sanitárias locais uma providências a fim de impedir a continuação desse atentado à saúde pública.^{XXIII}

Se num primeiro momento a estratégia de normatização das práticas cotidianas foi prescrita pelas posturas municipais, sua efetividade parece ter sido precária, a intervenção do poder público municipal em imprimir uma nova ordem nas ruas era indicativo da ineficiência das posturas. Desse modo, como parte do projeto de urbanismo em execução, o prefeito buscou modernizar o serviço de limpeza e asseio da urbe, colocando tambores, distribuindo fardamento aos garis, limpando o leito dos rios, e posteriormente, pavimentou e construiu o serviço de esgoto nas principais ruas do centro. Todavia, mesmo com as intervenções urbanas de pavimentação de ruas e melhorias do asseio urbano pela prefeitura, os moradores faziam outros usos, no caso, atitudes contrárias à organização e ao funcionamento almejado por jornalistas, médicos e gestor. À revelia dos discursos e práticas de conservação da higiene, da estética e da saúde pública, a população insistia em jogar lixo, animais mortos e excrementos nos logradouros, no leito e nas margens dos rios que cortavam a cidade.

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)
EDSON SILVA

Notas:

^I O presente texto é uma versão com alguns acréscimos e modificações de parte de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Modernização, sanitarismo e cotidiano (Jacobina – BA 1955-1959)” defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (2015).

^{II} Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia – Campus IV - UNEB - (2012). Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - (2015). Professor de História da Educação Básica. O texto foi produzido com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

^{III} JACOBINA. Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933.p.8-9.

^{IV} JACOBINA. Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933.p.11.

^V Livro de Ofícios da Prefeitura Municipal de Jacobina. Livro utilizado pela instituição para o arquivo dos ofícios expedidos. Datas-limites: ano de 1955-1956. p. 88. APMJ.

^{VI} VANGUARDA, 22/05/1955. N° 293. p.1

^{VII} A expressão “Baixa dos Sapateiros de Jacobina”, em referência à Rua Cel. Teixeira, era uma comparação com a Avenida J. J. Seabra em Salvador, mais conhecida como Baixa dos Sapateiros, espaço comercial da cidade.

^{VIII} Cf. SILVA, Edson. Jacobina: uma cidade “progressista” e “civilizada” (1955-1963). Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV, Jacobina, 2012. (Monografia de graduação).

^{IX} CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. São Paulo, PUC-SP, nº 35, julho/dezembro, 2007. p 253-270.

^X CERTEAU, Michel. 2009. p.236.

^{XI} JACOBINA. Art. 5 e 6. Código de Posturas da Cidade de Jacobina, 1933.p.2.

^{XII} JACOBINA. Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933, 1933.p.2.

^{XIII} VANGUARDA, 07/07/1958. N°. 447.p.1

^{XIV} VANGUARDA, 20/10/1956. N°. 366. p.1

^{XV} VANGUARDA, 22/12/1956. N°375. p.1

^{XVI} VANGUARDA, 05/06/1955. N°.295.p.1

^{XVII} VANGUARDA, 22/12/1956. N°375. p.1

^{XVIII} VANGUARDA, 31/03/1956. N° 337.p.1

^{XIX} VANGUARDA, 07/04/1956. N° 338. p.1

^{XX} VANGUARDA, 25/01/1958. N°.428.p.1

^{XXI} Estão Jogando Lixo e Cadáver de Animais no Itapicuru! - VANGUARDA, 02/08/1958. N° 455.p.1

^{XXII} VANGUARDA, 02/08/1958. N° 455.p.1

^{XXIII} VANGUARDA, 15/02/1959. N.°481.p.1

Referências:

ALBURQUEQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: **O Historiador e suas fontes**. (Orgs): Carla Bassanezi Pinky e Tania Regina de Luca. 1.ed. São Paulo. Contexto, 2011. p.223-249.

ARAÚJO, J. D. de; et al. **Regionalização dos serviços de saúde pública: a experiência do Estado da Bahia, Brasil**. Saúde pública. Rev. Saúde Pública vol.7 no.1 São Paulo Mar. 1973. p.1-19. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101973000100001&script=sci_arttext

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenção de gênero e Sexualidade em Jacobina-Ba (1930-1960)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA Salvador, 2010. (Dissertação de Mestrado).

BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. Tradução: Jorge Hagime Oseki. In: **Espaço e Debate** nº 34. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo. 1991.p.39-54.

BENCHIMOL, Jaime Larry. A modernização do Rio de Janeiro. In: **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. (Org:) DEL BRENNNA, Giovanna RossoRio de Janeiro. Index, 1985.p. 599-611.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos Blume. “Imagens da cidade: memória da modernidade no sertão. Jacobina, BA, 1920-1950”. In: **Culturas Urbanas Bahia: estudos sobre Jacobina e região**. Salvador, Eduneb, 2009.p.15-30.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. O Serviço Especial de Saúde Pública: Políticas Internacionais e Respostas Locais. História em Revista, Pelotas, v. 11, dezembro/2005.p. 37-61.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução: Ephaim Ferreira Alves. 3º edição. Petrópolis. Vozes, 1998.

CHALHOUB, Sidney: **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidade**, uma antologia. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. 1933. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233>

CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo. Companhias das Letras, 1987.

CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. nº 35, julho/dezembro, 2007. p 253-270.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (Org.) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal,1979.

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado Sertanejo, garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador, 2005. (Mestrado em História Social).

LACASSAGNE, Claude-Laurence; DAVIE, Neil. Luxo, algazarra e mau cheiro. In: **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. CHARLOT,

Mônica; MAX, Roland. (Orgs:). Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Zahar, 1993.p.47-58.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia Civilizar-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916.** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador, 1996. (Dissertação de Mestrado em História).

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meios dos periódicos. In: **Fontes Históricas.** Carla Bassanezi Pinsky. (Org:). 3.ed. São Paulo. Contexto, 2011.p.111-153.
MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza.** São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Valter; MENEZES, Adriano. (Org.) **Culturas Urbanas na Bahia: estudos sobre Jacobina e região.** Salvador, Eduneb, 2009.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “**Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960.** Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em História, 2011. (Tese de doutorado).

PINHEIRO, Eloísa Petti. O caso da cidade do Salvador. In: **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador).** 2.ed.Salvador : EDUFBA, 2011.p.175-266.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - 1890-1930.** Rio de Janeiro. Paz e terra. 1985.

REZENDE, Eliana Almeida de Souza. A cidade e o sanitaria imagens de um percurso. In: Proj. História, São Paulo, (21), nov. 2000.p.265-279.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **A História do conforto na cidade de São Paulo.** Revista Anos 90. Porto Alegre. Nº 14, dezembro de 2000. p. 162-183.

_____. **Cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901).** São Paulo. Editoria Senac São Paulo, 2007.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina - Ba (1920-1950).** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SENNET, Richard. **A Carne e a pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental.** Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro. BestBolso, 2008.p.261-288.

SILVA, Edson. **Jacobina: uma cidade “progressista” e “civilizada” (1955-1963).** Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV, Jacobina, 2012. (Monografia de graduação).

MODERNIZAÇÃO URBANA E SANITARISMO: LIMPAR, PURIFICAR, DESODORIZAR E
EMBELEZAR A CIDADE (JACOBINA – BA - 1955-1959)
EDSON SILVA

SILVA, Fabiana Machado da. **O Trem das Grotas**: a ferrovia *Leste Brasileiro* e seu impacto social em Jacobina (1920-1945). Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Santo Antônio de Jesus, 2009. (Dissertação de Mestrado).

VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo. A Higiene do Corpo desde a Idade Média**. Tradução: Isabel St. Aubyn. Editorial Fragmentos. Lisboa.1985.

VIEIRA, Daniela Nunes Silva. **Novas perspectivas: modernização em Jacobina (1930-1940)**. Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus IV. Jacobina, 2011. (Monografia de graduação).